

Globethics Repository

The logo consists of the word "Globethics" in white, sans-serif font, centered within a solid blue rectangular background.

O diálogo inter-religioso e a consciência humana universal [Interreligious dialogue and universal human consciousness]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Authors	Sbardelotto, Moisés
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-21 04:09:48
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160793

“Esse papel do cristão no mundo, a ser reinterpretado em cada situação nova, independentemente do status social da religião, é uma consequência da própria dinâmica da Encarnação, sem a qual o Cristianismo não seria mais ele mesmo”

implicam o ser humano na sua dignidade inalienável, a sociedade em seus projetos de busca de uma maior justiça e fraternidade, a história humana e o destino do planeta. Trata-se de uma nova forma de habitar o mundo ou o “Cristianismo como estilo” (C.Theobald)³. Esse papel do cristão no mundo, a ser reinterpretado em cada situação nova, independentemente do status social da religião, é uma consequência da própria dinâmica da Encarnação, sem a qual o Cristianismo não seria mais ele mesmo. Como diziam os pais da Igreja (patrística), “o que não foi assumido pelo Verbo feito carne, não foi salvo”. É tarefa da Teologia dar razões de nossa esperança (1 Pd 3,15), mas, antes de tudo, é próprio da fé cristã “esperar contra toda esperança” (Rm 4,18) e, assim, contribuir, corajosa e humildemente, eficaz e modestamente, na reconstrução das identidades pessoais e culturais, na história comum da humanidade mundializada e no destino da vida no planeta, ameaçado e a ser assumido responsabilmente.

3 Christoph Theobald: teólogo jesuíta, professor da Faculdade de Teologia do Centre-Sèvres em Paris e especialista em questões de teologia fundamental e de história da exegese. Em 16-09-2009 proferirá a conferência *Cristianismo como estilo e a narrativa de Deus numa sociedade pós-metafísica*, dentro da programação do X Simpósio Internacional IHU - Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e Impossibilidades. (Nota da IHU On-Line)

O diálogo inter-religioso e a consciência humana universal

Para o teólogo Claude Geffré, o diálogo inter-religioso não conduzirá ao relativismo, se as religiões forem fiéis à suas identidades

POR MOISÉS SBARDELOTTO E PATRICIA FACHIN | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

As três grandes religiões monoteístas são portadoras de uma mensagem muito importante para o futuro da humanidade, defende o teólogo francês Claude Geffré. Em entrevista concedida, por e-mail, à IHU On-Line, Geffré afirma que o diálogo inter-religioso deveria ser facilitado “já que as três religiões monoteístas confessam um Deus criador, Senhor do universo, e prometem a todo o ser humano uma salvação eterna após a morte”.

Receptivo à ideia do teólogo alemão Hans Küng, Geffré aponta a proposta de uma ética global “no sentido de que o diálogo inter-religioso deve tomar em conta este interlocutor que é o humanismo secular, ou ainda o consenso da consciência humana universal”. E enfatiza: “É desejável que o futuro do diálogo inter-religioso esteja sob o signo de uma interpelação recíproca das morais religiosas e das éticas seculares”. Para que o verdadeiro diálogo aconteça, sem que as religiões percam sua identidade particular, Geffré aconselha: “Elas devem, em primeiro lugar, visar melhor ao conhecimento das grandes religiões do Oriente e compreender que elas não são unicamente religiões da imanência.” E continua: “Há religiões sem Deus que, no entanto, têm o sentido da transcendência. E é justamente porque elas têm um agudo sentido da transcendência que elas querem ultrapassar a determinação de um deus pessoal”.

Claude Geffré reside em Paris e é autor de alguns dos mais importantes textos sobre os efeitos do pluralismo religioso, além de ser membro do Comitê Científico da revista internacional de Teologia *Concilium*. Por mais de 20 anos, foi professor de Teologia Dogmática em Le Saulchoir e ainda lecionou Hermenêutica Teológica e Teologia das Religiões, no Institut Catholique de Paris. Em 1996, foi eleito diretor da École Biblique de Jerusalém. Com Régis Debray publicou o livro *Avec ou sans Dieu? Le philosophe et le théologien* (Paris: Bayard, 2006). Publicou também *De Babel à Pentecôte. Essais de théologie interreligieuse* (Paris: Cerf, 2006). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como o senhor concebe a inculturação do Judaísmo, do Cristianismo e do Islã no mundo, num momento de globalização e de fronteiras sempre mais abertas?

Claude Geffré - A inculturação de cada um dos três monoteísmos levanta problemas específicos. Mas, na época da globalização do mundo

e de um pluralismo religioso e cultural cada vez maior, é preciso insistir na responsabilidade histórica comum dos três monoteísmos ante a comunidade mundial. A despeito de sua própria singularidade, os três monoteísmos são portadores de uma mensagem muito importante para o futuro da humanidade, a saber, o en-

sinamento da *Tora*, isto é, a impossibilidade de dissociar o amor de Deus e o amor do próximo.

IHU On-Line - Em alguns de seus textos o senhor diz que “o Cristo é universal, mas o cristianismo não o é”. O que significa isso na época do pluralismo religioso?

Claude Geffré - Eu jamais disse que o Cristianismo não é universal. Eu digo simplesmente que não é preciso atribuir-lhe, como religião histórica, uma universalidade que não pertence senão ao Cristo que, como evento transistórico, concilia nele o absolutamente universal e o absolutamente concreto. Isso quer dizer que não convém absolutizar o Cristianismo como se ele totalizasse todos os valores religiosos das outras religiões. Além disso, podem-se encontrar nas outras tradições religiosas certos germes de verdade, de bondade e de santidade que têm um elo secreto com o mistério do Cristo que domina toda a história humana desde seu começo.

IHU On-Line - Segundo sua opinião, quais são as principais questões teológicas que dificultam o diálogo entre o Cristianismo e o Judaísmo, o Cristianismo e o Islã? E quais são as principais questões históricas que geram dificuldades para este diálogo?

Claude Geffré - É impossível dissociar as questões teológicas das questões históricas. Em princípio, o diálogo deveria ser facilitado, já que as três religiões monoteístas confessam um Deus criador, Senhor do universo e prometem a todo ser humano uma salvação eterna após a morte. Nós adoramos o mesmo Deus, como dizia João Paulo II,¹ mas a história testemunha lutas fratricidas entre os filhos de Abraão.²

1 Papa João Paulo II (1920 - 2005) foi o Sumo Pontífice da Igreja Católica, Apostólica, Romana de 16 de outubro de 1978 até 2005 e sucedeu ao Papa João Paulo I, tornando-se o primeiro Papa não italiano em 450 anos. (Nota da IHU On-Line)

2 Abraão: personagem bíblico citado no Livro do Gênesis com o qual se desenvolveram três das maiores vertentes religiosas da humanidade: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Segundo a Bíblia, a mais provável procedência de Abraão seria a cidade de Ur dos caldeus, situada no sul da Mesopotâmia, onde seus irmãos também teriam nascido. (Nota da IHU On-Line)

Judeus, cristãos e muçulmanos reivindicam uma palavra de Deus diferente, com base em textos fundamentais diferentes: a Bíblia hebraica, o Novo Testamento, o Corão. O diálogo entre judeus e cristãos é difícil porque os judeus sempre esperam a vinda do Messias, enquanto os cristãos identificam Jesus Cristo como o Messias esperado. Mas o século XX inaugura uma nova era na relação entre o Judaísmo e o Cristianismo. Por ocasião do trágico evento da Shoah³ (holocausto), a Igreja fez um ato de arrependimento pelas diversas formas de um antijudaísmo que tem podido favorecer no decurso dos séculos um antissemitismo do qual Auschwitz foi a expressão mais extrema. E o concílio Vaticano II⁴ tomou suas distâncias diante de uma falsa teologia cristã do Judaísmo, a da *substituição*, segundo a qual a Igreja substituiu Israel. As promessas de Deus ao povo judaico são feitas sem arrependimento e é preciso falar de um cumprimento do Judaísmo pelo Cristianismo que respeite a irredutibilidade

3 Shoá: na língua iídiche (dialeto do alemão falado por judeus ocidentais) significa calamidade, e é o termo deste idioma para designar o holocausto. É utilizado por muitos judeus e por um número crescente de cristãos, devido ao desconforto teológico com o significado literal da palavra Holocausto. (Nota da IHU On-Line)

4 Concílio Vaticano II: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano. O IHU promoveu, de 11 de agosto a 11 de novembro de 2005, o Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II - 40 anos, trajetórias e perspectivas. Confira, também, a edição 157 da IHU On-Line, de 26-09-2005, intitulada *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos*, disponível para download na página eletrônica do IHU, www.unisinos.br/ihu. Ainda sobre o tema, a IHU On-Line produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível no link http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23 (Nota da IHU On-Line)

de do povo eleito. Há um face a face da Igreja e de Israel e uma emulação recíproca entre ambos até o advento do Reino de Deus.

IHU On-Line - O que significam, para o diálogo islamo-cristão, as proposições dos muçulmanos que apresentaram Jesus como profeta, místico e santo? Isso contribui para uma aproximação e um diálogo ou gera dificuldades?

Claude Geffré - O próprio Corão testemunha um respeito muito grande pelo profeta Jesus. Embora recuse absolutamente confessá-lo como Filho de Deus, ele é, como diz a tradição, o “selo da santidade”⁵, na medida em que seu nascimento virginal em Maria manifesta que ele procede diretamente do Espírito de Deus. Nesse sentido, ele é maior que o profeta Maomé, embora ele não seja o último dos profetas. É o privilégio de Maomé ser o “selo da profecia”⁶, aquele que cumpre as profecias de Abraão, Moisés e Jesus. O diálogo entre o Cristianismo e o Islã se torna muito difícil no plano teológico, na medida em que o islã recusa os dogmas fundamentais do Cristianismo, o mistério trinitário e o mistério da encarnação. Mas pode-se esperar muito de certos trabalhos históricos sobre as fontes do Corão relativas ao Cristianismo que o profeta Maomé pôde conhecer. Por que tal desconhecimento da filiação divina de Jesus, que é sempre entendida num sentido carnal, e então tal caricatura da Trindade onde é Deus o Pai que gera um filho no seio de Maria? Mas, ao mesmo tempo, é verdade que a profecia islâmica tem um papel de *alertador* contra uma compreensão insuficiente da Trindade, que implicaria ofensa à unicidade absoluta de Deus.

IHU On-Line - Que mudanças o senhor aponta para que as religiões monoteístas pratiquem verdadeiramente o diálogo inter-religioso, sem perder sua identidade?

Claude Geffré - Elas devem, em pri-

5 No original, em francês, a expressão utilizada pelo entrevistado é “sceau de la sainteté”. (Nota da IHU On-Line)

6 No original, em francês, a expressão utilizada pelo entrevistado é “sceau de la prophétie”. (Nota da IHU On-Line)

meio lugar, visar melhor ao conhecimento das grandes religiões do Oriente e compreender que elas não são unicamente religiões da imanência. Há religiões sem Deus que, no entanto, têm o sentido da transcendência. E é justamente porque elas têm um agudo sentido da transcendência que querem ultrapassar a determinação de um Deus pessoal. Elas nos ajudam a procurar um Deus sempre maior e a superar a representação antropomorfa de um diálogo entre a consciência humana e Deus. Em segundo lugar, as religiões monoteístas são tentadas a idolatrar sua própria verdade porque são fundadas na própria Palavra de Deus. Elas correm, então, o risco de se tornar intolerantes e mesmo fanáticas. O Judaísmo é sempre tentado a cair no exclusivismo. E, historicamente, o Cristianismo e o Islã tiveram uma pretensão hegemônica ante as outras religiões. Na era do pluralismo religioso, o diálogo entre as religiões não conduz ao relativismo se cada religião for fiel à sua própria identidade. Sem respeito por sua própria identidade, não haverá verdadeiro diálogo, mas consensos polidos. É precisamente na confrontação com o *outro* que eu reinterpreto minha própria identidade. Descubro, então, que minha própria verdade não é necessariamente exclusiva, nem mesmo inclusiva de outras verdades religiosas: ela é singular. Como crente, posso receber uma verdade revelada como uma verdade absoluta. Mas, minha concepção humana desta verdade é sempre parcial e relativa, segundo as respectivas épocas da história.

IHU On-Line - Quais são os princípios que devem regular o diálogo inter-religioso numa sociedade pós-metafísica? Ainda há espaço para as religiões nas sociedades ultramodernas? Se sim, qual o papel das religiões nesta nova era?

Claude Geffré - Eu não sei muito bem o que é preciso entender por “sociedade pós-metafísica”. Mas constato que o projeto de uma sociedade secularizada imanente a ela mesma coincide com uma lógica totalitária. O Estado moderno, descartando as legitimações religiosas, tinha a ambição de assegurar uma

“Alguns acreditam voluntariamente que a nova religião dos direitos do homem vai progressivamente tomar o lugar das religiões. Isso seria um erro fatal para o futuro da humanidade”

existência social pacificada. Ora, não somente o Estado não elimina as fraturas sociais, mas ele gera muitas vezes a morosidade ou ainda o que alguns designam como “a era do vazio”. É, pois, muito importante distinguir o Estado como sociedade política e a nação como comunidade moral que faz apelo a uma história fundada em valores comuns, em símbolos religiosos, ou não. Há, pois, lugar nas sociedades modernas para uma alteridade, uma transcendência que favorece o elo social e estimula a marcha em frente do grupo social. Tornou-se corrente dizer que a chegada da modernidade e da pós-modernidade coincide com o fim da religião, sobretudo no Ocidente. Um pensador francês como Marcel Gauchet⁷ pôde escrever que o Cristianismo é “a religião de uma saída da religião”. Mas, ele não confunde o fim da função social da religião cristã com o fim do Cristianismo como religião vivida, como utopia mobilizadora, como

⁷ Marcel Gauchet: filósofo francês, que, com Luc Ferry, é autor do livro *O religioso após a religião* (Paris: Grasset. 2004). Escreveu *Le désenchantement du monde* (Paris: Gallimard. 1985), *La condition historique* (Paris: Stock, 2003) e *Un monde désenchanté?* (Paris: L'atelier. 2004). Confira, no sítio do IHU o seguinte material: *Os direitos individuais paralisa a democracia*, publicado em 20-02-2008, *Estamos num momento tanto de invenção religiosa como de saída da religião*, entrevista com Marcel Gauchet, em 09-02-2008, e *A França é um país profundamente deprimido*, publicado em 23-04-2007. Confira nesta edição uma entrevista exclusiva com ele. (Nota da IHU On-Line)

testemunho profético em favor de outro mundo possível. É porque o Cristianismo é a religião da saída da religião, compreendida como alienação da autonomia humana e como utilidade social, que o Cristianismo pode encarnar uma das figuras possíveis do futuro da religião.

IHU On-Line - Que tipo de ética o senhor reconhece nos grandes monoteísmos contemporâneos? Podem as religiões contribuir para a proposta de Hans Küng de uma ética mundial? Em caso afirmativo, que espécie de ética é possível e desejável?

Claude Geffré - Os três monoteísmos continuam sendo os testemunhos de um tesouro moral capital para a comunidade mundial, a saber, o conteúdo do Decálogo. Além disso, a Declaração Universal dos Direitos do Homem se refere a este *ethos* da religião de Israel. Mas, é verdade que a afirmação dos direitos do homem é uma conquista da consciência humana na reivindicação de sua autonomia diante de toda heteronomia religiosa. E é por isso que ela entra em conflito, não somente com a autoridade da Igreja, mas com a do próprio Deus. Hoje em dia, é a própria Igreja que quer defender e promover os direitos do homem, em particular a liberdade de consciência e a liberdade religiosa. Hans Küng⁸ tem razão em

⁸ Hans Küng (1928): teólogo suíço, padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infalibilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Mundial, em Tübingen. Um escritório da Fundação de Ética Mundial funciona dentro do Instituto Humanitas Unisinos desde o segundo semestre do ano passado. Küng dedica-se, atualmente, ao estudo das grandes religiões, sendo autor de obras, como *A Igreja Católica*, publicada pela editora Objetiva e *Religiões do Mundo: em Busca dos Pontos Comuns*, pela editora Verus. De 21 a 26 de outubro de 2007 aconteceu o Ciclo de Conferências com Hans Küng - Ciência e fé - por uma ética mundial, com a presença de Hans Küng, realizado no campus da Unisinos e da UFPR, bem como no Goethe-Institut Porto Alegre, na Universidade Católica de Brasília, na Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFMG. Um dos objetivos do evento foi difundir no Brasil a proposta e atuais resultados do “Projeto de ética mundial”. Confira no site do IHU, www.ihu.unisinos.br, a edição 240 da

propor uma ética global no sentido de que o diálogo inter-religioso deve tomar em conta este interlocutor que é o humanismo secular, ou ainda o consenso da consciência humana universal. É, pois, desejável que o futuro do diálogo inter-religioso esteja sob o signo de uma interpelação recíproca das morais religiosas e das éticas seculares. Concretamente, isso quer dizer que todas as religiões devem reinterpretar seus textos fundadores e suas tradições em função das aspirações fundamentais da consciência humana em matéria de direitos e de liberdades. Elas correm o risco de perecer se seus ensinamentos e suas práticas estiverem em conflito com o consenso da consciência humana universal. Inversamente, o humanismo secular deve ficar à escuta do tesouro ético do qual dão testemunho as tradições religiosas. Alguns acreditam voluntariamente que a nova religião dos direitos do homem vai progressivamente tomar o lugar das religiões. Isso seria um erro fatal para o futuro da humanidade. O cruel século XX nos demonstrou a trágica fragilidade da consciência humana deixada a si mesma e que pode legitimar os piores crimes contra a dignidade da pessoa humana. Nós sabemos melhor o que é intolerável, porque desumano. E, para o futuro, a vocação das grandes religiões do mundo é a de nos ajudar a decifrar o que é o *humano autêntico*.

LEIA MAIS...

>> Claude Geffré concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Acesse no sítio do IHU. Entrevista:

- *Religião com ou sem Deus? Um diálogo de Régis Debray com um teólogo*, publicada em 28-1-2007. A entrevista está disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=4505;
- *A secreta cumplicidade entre o humanismo de Jesus e o humanismo secular*, publicada na IHU On-Line número 248, de 17-12-2007. A entrevista está disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=886&id_edicao=276.

revista IHU On-Line, de 22-10-2007, intitulada "Projeto de Ética Mundial. Um debate". (Nota da IHU On-Line)

O papel contemporâneo da religião

Para o teólogo alemão Karl-Josef Kuschel, sem o cumprimento dos dez mandamentos de Deus, não haverá convivência pacífica no mundo

POR MOISÉS SBARDELOTTO E PATRICIA FACHIN | TRADUÇÃO LUÍS MARCOS SANDER

“N

ão há necessidade de ‘negociações’, e sim de intercâmbio de valores, e, acima de tudo, de ensino religioso, a fim de conscientizar as pessoas de que elas compartilham uma origem comum e um destino comum”, defende Karl-Josef Kuschel ao comentar a relação entre as religiões monoteístas. Para o teólogo, elas compartilham tradições e têm muitos aspectos em comum, “não só em relação à ética, mas também à Teologia, em especial sua crença em Deus criador, mantenedor e consumidor do ser humano”.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, Kuschel frisa que no mundo inteiro há “uma mescla de fenômenos pós e pré-religiosos”. Ele cita o secularismo, o humanismo, o pluralismo religioso, lembra o hedonismo e fala também do “retorno da religião” e do conceito pós-secular de Habermas. Entre tantas formas de seguir a Deus, ele lança o questionamento: “Será que isso também se aplica à África e à Ásia e a muitos países da América do Sul?” E complementa: “Se olharmos para o mundo muçulmano, encontraremos combinações paradoxais, envolvendo o uso de tecnologias ultramodernas e uma atitude de fundamentalismos ultratradicionais. Essas combinações inesperadas, essas misturas surpreendentes de elementos heterogêneos são típicas do papel contemporâneo da religião”.

Karl-Josef Kuschel leciona Teologia da Cultura e do Diálogo Inter-religioso na Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Tübingen. É vice-presidente da Fundação Weltethos (Fundação Ética Mundial). É autor de *Jesus im Spiegel der Weltliteratur. Eine Jahrhundertbilanz in Texten und Einführungen* (*Imagens de Jesus na literatura mundial. Textos e informações introdutórias para um século em perspectiva*) (Düsseldorf, 1999), *Jud, Christ und Muselmann vereinigt? Lessings “Nathan der Weise”* (*Judeu, cristão e muçulmano unidos? “Natã, o sábio”, de Lessing*) (Düsseldorf, 2004). Ele escreveu o *Cadernos Teologia Pública* número 28, intitulado *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas*, e número 21, intitulado *Bento XVI e Hans Küng: contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo*. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em uma sociedade moderna (pós-moderna ou até mesmo ultramoderna), como fica o papel da religião? Estamos em uma sociedade pós-religiosa também?

Karl-Josef Kuschel - Sua pergunta exige uma resposta que corresponda aos desdobramentos muito diferentes que estão ocorrendo em diferentes

continentes do mundo e em diferentes áreas dentro dos continentes. Nas grandes cidades do mundo inteiro, temos uma mescla de fenômenos pós e pré-religiosos. Temos secularismo e humanismo em vários graus e temos pluralismo religioso. Temos ainda a influência das igrejas tradicionais e o florescimento de novas “seitas”